



# **SOCIOLOGIA E DROGADIÇÃO**

Geraldo Caliman

Vittorio Pieroni

## Caros alunos

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa *Adobe Reader 11*.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

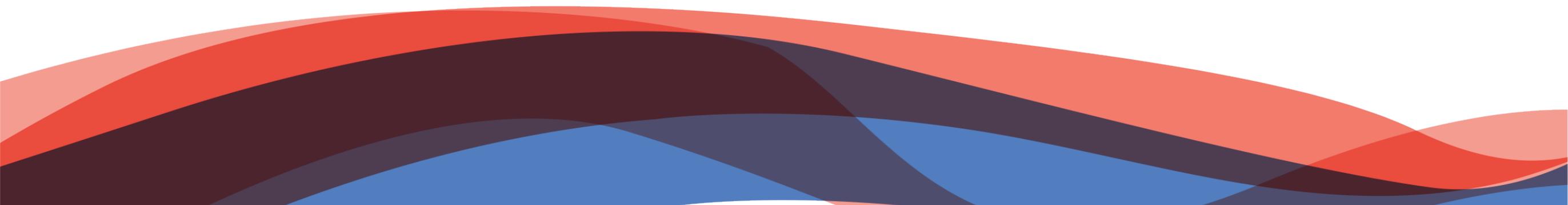
O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto a barra superior ou inferior pode lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse pdf, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

**Boa leitura!**

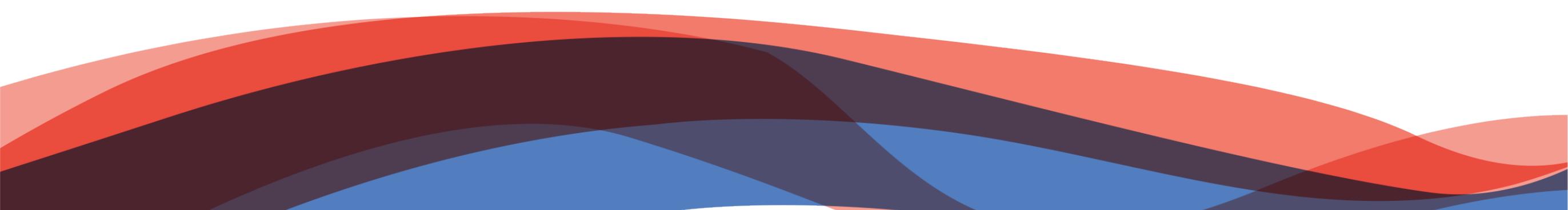
# Índice



# Apresentação

O material que apresentamos agora para vocês é o e-book. Nele colocamos um apanhado da temática que estamos abordando nesta disciplina. Assim vamos aprofundando os conceitos e os dados que merecem atenção. Aqui no e-book também trazemos alguns endereços virtuais para garantir que vocês possam explorar mais e melhor a temática da nossa disciplina.

Vamos trabalhar em 3 Unidades, a exemplo do livro. O objetivo do e-book é desenvolver nosso estudo, ampliando os horizontes para aqueles que desejarem seguir aprimorando-se no contexto da pesquisa para a elaboração dos projetos de intervenção. Este material é mais um, que embasa as nossas discussões na disciplina, por meio do qual vocês podem ter uma fonte de estudo diferente.





## INTRODUÇÃO

Caros participantes deste curso:

Eu (Geraldo Caliman) e o professor Vittorio Pieroni nos empenhamos muito na construção de todo o material, desde o livro até os vídeos, passando pelo e-book. Vamos dar continuidade ao nosso trabalho com o objetivo de aprofundar nossos estudos. Agora, com vocês, vamos conhecer a sociologia e a drogadição, distribuídas em três Unidades:

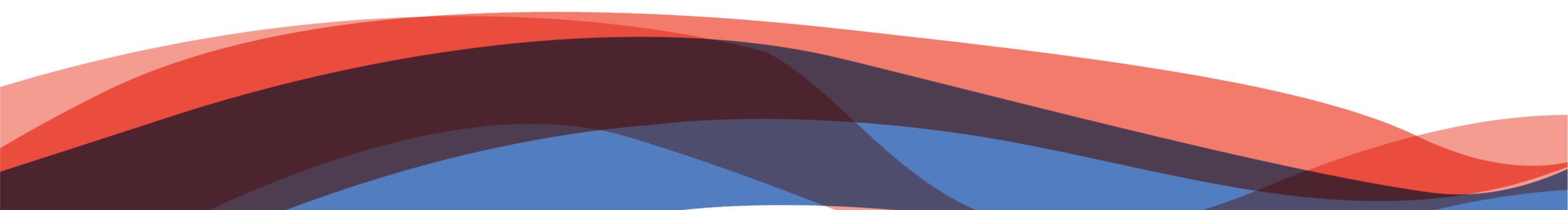
-I Quadro Teórico e Transgressão-Dependência-Toxicodependência: dinâmicas e personalidade;

-II Mundo das drogas e as drogas pelo mundo  
- Adolescência: um Período a Risco?

-III Controles sociais sobre a Toxicodependência  
– Melhor Prevenir do que Remediar;

Estas unidades contemplam vários tópicos, os quais já estão bem trabalhados no livro (inclusive impresso). Portanto, ao se interessar

pela temática, faça suas leituras em todo o material, afinal você está fazendo um estudo para aprimorar a sua prática, ou não?! Por isso é importante a dedicação.





## QUADRO TEÓRICO E TRANSGRESSÃO-DEPENDÊNCIA-TOXICODPENDÊNCIA: DINÂMICAS E PERSONALIDADE

Muito bem, todos vocês já viram várias explicações racionais, do senso comum e até espirituais, que buscam justificar o uso e abuso das drogas na sociedade. Atualmente os bailes *funks* têm tido uma preocupação com a mortalidade pelo uso do “lança”.

Esta é uma realidade que nos chama a atenção. Afinal, é preciso cuidar da vida. Vejamos então o que dizem as tendências mais conhecidas.

No *positivismo*, o marginal é identificado como “[...] criminoso, homem selvagem e ao mesmo tempo doente” (LOMBROSO, 2001), cujos traços de caráter e comportamento demonstram, entre outras características, o uso de tatuagem, sensibilidade menor à dor, grande acuidade visual, o mancínismo, o caráter atávico, a grande insensibilidade moral e afetiva, as paixões (álcool, jogo, libido, vaidade)

etc. A intervenção típica dessa tendência é a de preservar a sociedade contra o perigo de “contágio” representado pelos presumíveis doentes sociais, confinando-os em prisões ou fazendas, de preferência o mais longe possível da sociedade. Muitos são os espaços ofertados e vocês devem conhecer alguns.

Na *tendência funcionalista*, tende-se a interpretar a marginalidade como fruto da não integração social ou de uma falta de socialização. Para controlar os problemas gerados pela marginalidade, como a delinquência e a dependência, o paradigma funcionalista privilegia ações e meios coercitivos e o reforço do controle social, particularmente a polícia. Vocês já devem ter tido essa visão: onde existe mais polícia, diminui a violência. Mas será assim mesmo? Ou talvez se esconda um pouco mais o crime? O que você pensa sobre isso? Um dos paradigmas que explicam essa tendência é o

que Cohen (1965) chama de “teoria da privação de status”. Tal teoria ajudaria a interpretar a autoconsciência da marginalidade: as gangues são consideradas uma maneira de se comunicar e uma busca de segurança no grupo. Hoje, além da socialização escolar como elemento provocador da consciência de privação, devemos considerar também a influência dos meios de comunicação. Nesse caso, jovens com problemas em comum, com dificuldades em manter verdadeiras amizades, com baixo autocontrole, quando integrados em determinados grupos (turmas, gangues), tendem a cometer atos delinquentiais com mais frequência do que os que não manifestam tais problemas.

Bem, vejamos outra postura de análise, que é a chamada *sociologia urbana* (escola de Chicago). Nessa tendência, a ocorrência de processos de marginalização é mais frequente nas áreas geográficas caracterizadas pela desorganização urbana e social. Segundo os autores tais agregações sociais seriam funcionais à presença de grupos delinquentiais, os quais transmitem culturalmente um

conjunto de valores que servem como matriz dos comportamentos transgressivos. É uma explicação, no mínimo, contundente, não acham vocês?

A tendência *Marxista* revela que as classes dirigentes e hegemônicas considerariam como desviante e delinquential o comportamento que, na competição social, prejudica os interesses de classe da burguesia. Na tendência *interacionista*, D. Matza (1961) desenvolve tal teoria, aprofundando o processo mediante o qual o sujeito se torna desviante. Ele distingue três etapas, graduais e integradas, desse processo: a **afinidade**, ou a percepção por parte do sujeito de uma inclinação para a transgressividade: ele já se sente em desvantagem com relação aos outros, percebe um mal-estar e tem consciência de sua condição social inferior. A segunda etapa, é chamada de **afiliação** e refere-se à adesão ao modelo transgressivo como solução para a aplicação que os outros fazem no momento em que é taxado (estigmatizado) de ‘marginal’. Ele acaba assumindo uma identidade que lhe é atribuída pelo estigma. E, por último, uma

terceira etapa é chamada pelo autor como a **estigmatização** por parte da sociedade, que o considera e o trata como delinquente, drogado, marginal. Esse processo, composto por três fases, é gradual, crescente e integrado, e tem maior probabilidade de desencadear-se a partir de situações de mal-estar e de marginalidade dos indivíduos.

- *As motivações: afinidade com as situações de risco* – Em pesquisa que realizamos em 2001, na Itália, os principais motivos que levaram os dependentes ao uso de drogas são: curiosidade, sensação, teste (65%); insatisfações (57%); para enfrentar com mais coragem os problemas (47%); solidão (46%); problemas com os pais (45%); busca de novas sensações (45%); influência de amigos (35%); perda do sentido da vida (33%); problemas relacionais com o outro sexo (22%); incerteza sobre a inserção no mundo do trabalho (15%).

- *Aprender as técnicas, as atitudes e os valores: a afiliação* – O grupo e os modelos de referência são fundamentais como sustentação à aprendizagem. Veja como descrevemos

todos os aspectos de afiliação no livro (material impresso).

- *Assumindo uma identidade: o processo de rotulação* - A expressão 'rotulação' é adaptada da teoria do etiquetamento (ou *labeling theory*), que estuda as consequências que a reação social provoca nos sujeitos que transgridem ou usam drogas: a reação das pessoas ao comportamento transgressivo tende a provocar a estigmatização, o etiquetamento, ou a rotulação de pessoas.

Entretanto, vejamos, mesmo seus usuários sendo chamados de "maconheiros" ou de "craqueleiros", o prazer da droga chama atenção para o uso e também para estudos. Então o efeito problemático de tal fator de risco pode manifestar-se na forma de reações irracionais, transgressivas e até delinquentiais: em casos mais intensos manifesta-se por meio da autodestruição (o suicídio), mas também no desejo de fuga que se revela no consumo de drogas, de álcool, na busca de sensações na velocidade e na filosofia do gozar a vida a qualquer custo. Qual é o sentido da vida?

## O cenário das dependências

Dependente é qualquer indivíduo cuja existência está voltada para a busca sempre mais desesperada de efeitos produzidos sobre o organismo e sobre a mente, por uma substância (droga) e/ou de um comportamento (jogo, condutas alimentares, sexo, compras compulsivas, internet e outras tecnologias/instrumentos virtuais, etc.). Analisem o esquema que apresentamos no livro.

## A dinâmica que desencadeia a dependência

Os esquemas expostos no livro (COUYOUMDJIAN; BAIOTTO; DEL MIGLIO, 2006) dão uma ideia de como a relação "Emoção-Razão-Ação" era vivida 'ontem', pelas velhas gerações e como é vivida 'hoje' das gerações 'geneticamente mudadas'. Das análises representadas nos esquemas, os resultados possíveis seriam:

1. O refugiar-se no virtual: jovens que entram na categoria das pseudoalucinações. É como se dissessem: "Me exalto e mantenho a vontade de refugiar-me".

2. Refugiar-se em si: são jovens que escolhem o caminho do alcoolismo, tabagismo, drogas e comportamentos alimentares anormais. É como se dissesse: "Deixai-me ir".

3. A passagem ao ato. São os jovens que escolhem o caminho da antissociabilidade, ou comportamentos violentos / extremos (esportes radicais, sexo desenfreado, o excesso de velocidade ...). É como se dissesse: "Eu desabafo através da ação".

As dependências mais preferidas entre os adolescentes/jovens e que estão na origem das transgressões e de estilos de comportamentos 'difíceis' dizem respeito a: jogos de azar, dependência de tecnologias virtuais, dependência relacional, co-dependência, dependências alimentares, dependência de exercícios físicos, dependência do shopping.

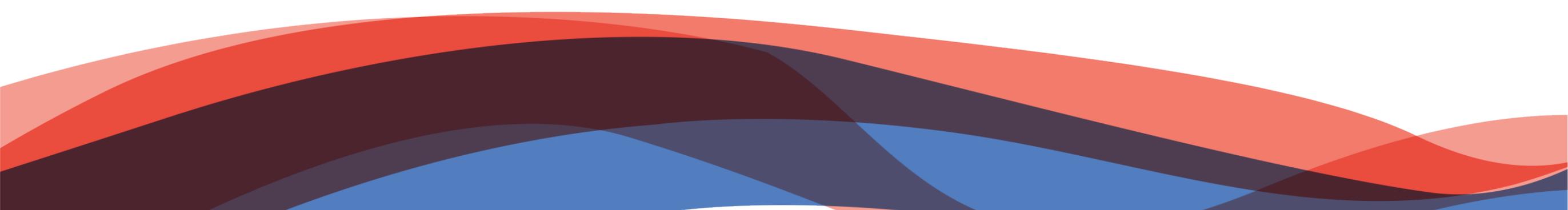
Que tal, depois da leitura do material impresso, cada um de vocês assistirem ao seguinte vídeo?

### **Fatores que podem estar na origem das dinâmicas que desencadeiam a dependência**

- Deficiências e carências;
- Relações difíceis;
- Imaturidade e narcisismo;
- Atitude conflituosa em relação aos outros;
- Debilidade social; (síndrome da antissocialidade);
- Descontentamento habitual;
- Debilidade do Eu;
- Borderline;
- Dependência;
- Vazio existencial;

### **Função e significado das dependências adolescentes**

Então, qual o verdadeiro significado da dependência, e por que a adolescência é uma fase na qual mais facilmente se entra nessa dinâmica?





## O MUNDO DAS DROGAS E AS DROGAS PELO MUNDO - ADOLESCÊNCIA: UM PERÍODO A RISCO?

Nesta unidade vamos tratar de aspectos articuladores entre a droga e o contexto social, além dos vários tipos de substâncias utilizadas para provocar a dependência de crianças, jovens e adultos. Também vamos analisar juntos como e por que a adolescência é um período de risco, ou seja, um período em que parece fácil aliciar o jovem para ser usuário ou traficante.

Solicitamos a vocês que observem as referências de sites que utilizamos nesta unidade, para trazer à tona dados relevantes e apresentados no livro sobre a relação econômica, social e política que a droga imprime na sociedade como um todo.

Torna-se evidente como toda a economia mundial está, em certo sentido, 'drogada', mesmo que isso não seja admitido abertamente: bancos, nações, institutos internacionais, ilustres personalidades e grandes empresas estão

de qualquer modo, direta ou indiretamente, envolvidas no mundo das drogas. Mesmo se não somos *experts* em economia, não é difícil entender que querer sanar a economia do poder das drogas levaria à falência diversas empresas.

Não é à toa que a "*Global Commission on Drug Policy*" (que reúne em seu conselho algumas das maiores personalidades envolvidas em nível mundial na luta contra as drogas, como Kofi Annan, Fernando Henrique Cardoso, George Schultz, George Papandreu, Paul Volcker, Mario Vargas Llosa, Richard Banson, etc.), na sessão de 1 de junho de 2011 chegou à conclusão de que é inútil prosseguir com a guerra às drogas. Lê-se no comunicado à imprensa divulgado pela *Global Commission*: "Cinquenta anos depois da assinatura da Convenção da ONU sobre as drogas e 40 anos depois da guerra lançada pelo presidente americano Richard Nixon, torna-se urgente reformar as políticas nacionais e

internacionais no controle sobre drogas. É hora de começar a tratar a toxicodependência como uma questão de saúde, reduzindo o consumo através de iniciativas de educação e legalizando a *cannabis*, ao invés de continuar a criminalizá-la”.

### As drogas e os problemas psicológicos

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define “droga” como toda substância química, natural ou artificial, que modifica os processos psicológicos ou a atividade mental dos seres humanos.

### As drogas em números, tipologias e efeitos

No ano de 2011 estimava-se que, em nível mundial, cerca de 167 e 315 milhões de pessoas, entre os 15 e 64 anos, haviam usado drogas ilícitas no ano anterior, o que corresponde a cerca de 3,6 a 6,9% da população adulta (UNODC. **World Drug Report** 2013, p. 1). Neste mesmo ano, e ainda considerando a população mundial, o número de mortes por drogas foi estimado em 211 mil. A maioria dessas

mortes aconteceu entre a população jovem de usuários. Os derivados do ópio resultaram nos mais incidentes entre as substâncias envolvidas nessas mortes.

.....  
Depois de vocês terem assistido a esses vídeos, podem estar preparados para viver sem as drogas? Inclusive sem o álcool?

Baseados nas informações do Centro Nacional sobre Dependência e Abuso de Substâncias da Universidade de Columbia, os adolescentes acreditam que consumir medicamentos prescritos seja muito mais seguro que consumir drogas ilegais: o armário onde guardam seus remédios é a fonte da qual se alimentam das drogas. Em comparação com os adolescentes que não abusam de medicamentos prescritos, os adolescentes que abusam de medicamentos têm duas vezes mais probabilidade de fazer uso de alcoólicos, cinco vezes mais probabilidade de usar maconha, e doze a vinte vezes mais probabilidade de utilizar drogas ilegais como a heroína, o ecstasy e a cocaína.

Em 2007, a “Drug Enforcement Administration” (DEA, 2010) descobriu que o abuso do analgésico Fentanyl teria levado à morte mais de mil pessoas nos Estados Unidos, somente naquele ano. O medicamento é dezenas de vezes mais potente que a heroína.

Para aprofundamento façam a leitura dos tipos de drogas que evidenciamos no livro, juntamente com seus efeitos. Assim vocês terão uma visão geral sobre a temática.

E, parabéns! Vocês estão conseguindo acompanhar o estudo e as orientações. Ao sentirem qualquer dificuldade, por favor, nos avisem, contatando o seu tutor, ok?!

### **Adolescência: um período a risco?**

Vamos lá!

Já estamos chegando ao final da segunda unidade. Este é o momento de tratar desse sujeito social que é o adolescente, um sujeito que atravessa um período suscetível às drogas. E por que isso acontece?

Podemos afirmar que o primeiro aspecto é a **identificação**, a construção de uma identidade aceita e bem colocada socialmente. A formação da identidade de um ‘drogado’ é o resultado da interação entre uso de drogas, a autopercepção e a percepção dos outros com relação a ele. Em seguida, já destacamos em parágrafos anteriores que um baixo nível de **autoestima** representa um fator de risco e um alto nível representa um fator de proteção para o desenvolvimento da identidade de uma pessoa. Também no caso da toxicodependência, existem provas segundo as quais um baixo nível de autoestima pode contribuir para o aumento do consumo de substâncias. O consumo exercita a função de liberação do estresse, de diminuição da dor, de fuga das frustrações e do mal-estar. Em outras circunstâncias, pode ser expressão do desejo de morte e alimentar uma tendência suicidária.

É importante **prevenir** e diante desse aspecto quais são as necessidades na base do trabalho preventivo? Alguns centram sobre a prevenção em sentido amplo, alargada à grande população. São programas que focalizam

especificamente os grupos de risco, como a rapaziada da esquina, que já experimentou e continua a experimentar a droga; programas voltados à população toxicodependente em alta situação de risco, que desenvolvem programas voltados à “redução do dano”, na esperança de que um dia os sujeitos em situação de risco se decidam por uma recuperação completa dentro de uma comunidade; e, por último, existem programas orientados não tanto à prevenção, mas ao tratamento e à recuperação.

Por diversas razões, a prevenção primária parece ser a mais adaptada a responder à atual necessidade dos educadores de informar, formar e promover a qualidade de vida entre os jovens. O primeiro motivo diz respeito ao objetivo da prevenção primária que seria o de, por um lado, diminuir entre os jovens, o risco da necessidade de mudar o estado de ânimo para enfrentar os revezes da vida cotidiana e, do outro, incrementar os fatores protetores. Um segundo motivo diz respeito ao fato de que a maior parte dos educadores sociais trabalha com jovens em situação de risco para os quais a

toxicodependência representa um entre tantos riscos. E, por fim, vale ainda a sabedoria popular, segundo a qual é melhor prevenir que remediar, ou seja, que é melhor fazer atenção à primeira juventude, de modo a fornecer aos adolescentes a capacidade de administrar os próprios conflitos (“*coping*”).

Pois bem, é ainda durante este período da adolescência, que os jovens necessitam do grupo. A vida em grupo é vida. Portanto, solicitamos que vocês façam uma leitura bem pontual sobre os tipos de agrupamentos que os jovens vão construindo e como esses grupos influenciam os comportamentos entre os pares. A leitura deve ser realizada no material impresso, nosso livro. Vamos ao material?

Em outras palavras, um adolescente não aceita fumar maconha somente porque está sob pressão de outros membros do grupo. Pode ser que esses outros não signifiquem muito para ele. Mas, se um adolescente se reconhece como membro de um grupo (identidade social) dentro do qual se encontram “outros significativos”

para ele, reconhece como significativas também as normas compartilhadas pelo grupo, é muito mais provável que passe a se comportar de acordo com as expectativas dos colegas e com as normas ditadas por eles.

Portanto a “cracolândia” pode ser vista como uma comunidade. É na cracolândia que muitos são aceitos e constroem sua identidade. É uma vida entre iguais.

Os problemas colocados pelos novos consumos de droga sugerem que o problema seja analisado segundo uma perspectiva multidisciplinar sistêmico-relacional. Tal perspectiva permite considerar o papel de todos os atores sociais envolvidos diretamente e indiretamente no fenômeno da toxicodependência, e analisa a questão não segundo uma causalidade linear, mas interativa, processual, circular. Podemos distinguir vários fatores de risco, que podem conduzir à toxicodependência, desde fatores individuais a fatores ambientais (familiares, sociais, culturais, econômicos, etc.). Os fatores de risco são

eventos ou condições associadas a um aumento da probabilidade de manifestações antissociais ou delinquentiais que influenciam a frequência, a prevalência, a persistência e a duração.

### **Motivações subjacentes à dependência na adolescência**

- Busca de autonomia e de pertença a um grupo;
- Busca de segurança e construção da própria identidade;
- O desejo de aliviar o mal-estar;
- Droga como “autoterapia”;



## O CONTROLE SOCIAL SOBRE A TOXICODPENDÊNCIA - MELHOR PREVENIR QUE REMEDIAR

Chegamos à nossa última unidade. Nela vamos também abordar um pouco das possibilidades de pesquisa, articulando a abordagem da sociologia com a temática da drogadição.

O controle social tem sido exercitado em suas distintas formas, informal, formal e sanitário. Essas três formas não são estanques, mas se confundem. Um mesmo sujeito pode ser sancionado seja pelo controle informal (pelas pessoas que o rodeiam), como também pelo controle formal (a polícia) e sanitário (os agentes de saúde). Portanto, também a sociologia da toxicodpendência pode se dividir segundo essas três áreas de pesquisa.

### **Toxicodpendência e ciclos de reação da sociedade**

O problema da sobreposição dos controles sociais (formal, informal e medico) suscita

algumas questões: que modelo de controle poderia ser utilizado de modo a ser respeitoso dos direitos humanos? Qual o uso de substâncias poderia ser considerado uma doença e qual seria um crime? Infelizmente nem sempre a sanção é orientada por princípios médicos, legais mas muitas vezes é determinado por características dos indivíduos como status socioeconômico, raça, sexo e idade. Por que os pobres, negros, moradores de rua são mais visados pelas agências de controle social formal (polícia)? Essas perguntas podem aprimorar a problematização da sua pesquisa, a qual desembocará no projeto de intervenção.

### **Definição e Controle médico-sanitário da toxicodpendência**

As substâncias que podem causar dependência são:

- 1.Álcool: é um depressivo do sistema nervoso;
- 2.Anfetaminas: um estimulante do sistema nervoso;
- 3.Cafeína: um estimulante moderado encontrado no chá, no café, no chocolate;
- 4.Maconha: estimulante do sistema nervoso;
- 5.Cocaína: estimulante do sistema nervoso com efeitos eufóricos;
- 6.Alucinógenos: compostos sintéticos e orgânicos como LSD, ecstasy, MDA, psicocybin, que produzem estimulação do sistema nervoso e ilusões perceptivas;
- 7.Inalantes: depressivos do sistema nervoso, como os thinners e sprays;
- 8.Nicotina: um estimulante do sistema nervoso central encontrado no tabaco;
- 9.Opiáceos: derivados do ópio, como a morfina, heroína, codeína, metadona, com efeitos depressivos e analgésicos;
- 10.Phencyclidine: anestésicos com propriedades alucinógenas;
- 11.Sedativos e hipnóticos: depressivos do sistema nervoso, como os barbitúricos.

## **Definições e controle informal da toxicodependência**

Existem uma grande variedade de reações às drogas e aos usuários de droga por parte do controle social informal. A maioria das pessoas consome alguns tipos de droga lícita, como cafeína, nicotina e álcool, mas um outro grupo, mais reduzido, consome drogas ilícitas. As pessoas normalmente se dividem entre diversas posições em relação à aprovação ou desaprovação do consumo: alguns condenam o uso de qualquer substância ou tendem a condicionar o consumo à idade das pessoas; outros aprovam o uso das substâncias lícitas e condenam o uso das ilícitas.

O controle social informal orientado ao consumo de substâncias psicoativas e a sua definição como transgressão acontecem em geral em dois níveis: no nível das relações interpessoais e no nível das relações organizacionais. As reações de tipo interpessoais tendem a construir estereótipos, estigmas construídos em torno da figura do consumidor da droga. E tais reações

são projetadas e amplificadas principalmente pelos meios de comunicação social que, com frequência, associam a figura do alcoolista com o estereótipo do vagabundo, doente, sem força de vontade e moralmente débil; associam a figura dos consumidores de maconha como indivíduos lentos, sem motivação e esquerdistas; os cocainômanos são imprevisíveis; os fumadores de crack são perdidos, ladrões; etc. E não somente as pessoas em si, mas também alguns grupos sociais são alvos da estigmatização em base à pertença a uma raça, ao grupo social, ao território onde moram.

E junto com essa associação entre pessoa e seu respectivo estigma, entre grupos sociais marginalizados e respectivas rotulações, cresce a ideia de que cada consumidor, mesmo de drogas mais leves como a maconha e o ecstasy, desencadearão a dependência e o crime; que cada consumidor leva necessariamente os outros ao consumo; que todo consumidor se associa ao furto, à criminalidade e à prostituição para financiar o vício. O controle informal – proveniente pelas pessoas comuns das ruas e das

praças -, pode acrescentar outros estereótipos aos já desenhados pelo senso comum. O folclore ligado ao consumo de LSD passou a ideia de um tipo de consumidor como alguém que pula dos prédios e coloca gatos dentro do forno micro-ondas.

Controle informal exercitado no bairro;

Controle informal por parte da família;

Controle informal por parte da escola;

Controle informal exercitado dentro dos ambientes de trabalho;

Controle informal exercitado pelos meios de comunicação;

Controle formal da dependência

As substâncias classificadas como causadoras de dependência são em geral controladas em todo o mundo em níveis diferentes de rigor pela legislação criminal, civil e administrativa.

## **MELHOR PREVENIR QUE REMEDIAR**

Vamos destacar aqui os processos que podem prevenir a dependência às drogas. Os processos são:

- Emergência educativa;
- Condições indispensáveis para educar;
- Intervenções baseadas na redução do dano;

### **Os Modelos de recuperação**

Tratamento individualizado;

Tratamento somático;

Tratamento em comunidades terapêuticas;

Objetivos do tratamento;

Ciclos da abstinência e cura.

Para aprofundar o conhecimento nesses aspectos é imprescindível que todos façam uma leitura bem atenta no material impresso (livro). E para ampliar as possibilidades de implementar um projeto de intervenção para prevenção ao uso de drogas, vamos indicar os seguintes materiais:



## FINALIZANDO...

Chegamos ao final da nossa disciplina, esperamos que vocês tenham aproveitado o tempo e as informações aqui oferecidas tenham despertado o desejo pelo estudo. Como puderam verificar, o problema aqui discutido é um problema que atinge a todos, independente da sua condição social, econômica, psicológica, espiritual. É preciso estar atentos na família, na escola, no trabalho e nos grupos sociais. De agora em diante, vocês poderão promover os seus projetos de intervenção em muitos contextos, seja escolar ou não escolar, garantindo uma abordagem mais qualificada.

Parabéns pelo trabalho que estão realizando com a dedicação neste curso.

# Referências

- American Psychiatric Association. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorder. 4th edition. Washington: APA, 1994.
- BANDURA, A. Self-efficacy in changing society. New York: Cambridge University Press, N.Y., 1995.
- BAUMAN, Zigmunt. Vida líquida. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BECKER, Howard. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. [Original: Outsiders: studies in the sociology of deviance. New York: The Free Press, 1963].
- BOMMASSAR, R.; SCOPEL, W. L'educatore di comunità per minori. In: Prospettive Sociali e Sanitarie, XX, 15, 1990, 355.
- BRASIL, 2011. Legislação e políticas públicas sobre drogas no Brasil. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2011. 106 p.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; GREA/IPQ-HC/FMUSP; organizadores Arthur Guerra de Andrade, Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, Lúcio Garcia de Oliveira. Brasília: SENAD, 2010. 284 p.
- CALIMAN, G. Desafios riscos desvios. 1. ed. Brasília: Universa, 1998. v. 1. 300 p.
- CALIMAN, G. Paradigmas da exclusão social. Brasília: Universa/UNESCO, 2008, 350 p.
- CALIMAN, G.; PIERONI, V. Lavoro non solo. Lavoratori tossicodipendenti: modelli sperimentali d'intervento. Milão: Franco Angeli/Ministero del Lavoro, 2001. 243 p.
- CANCRINI, L.; MAZZONI, S. Família e droga: dall'autoterapia alla richiesta di aiuto. In: MALAGOLI TOGLIATTI M.; TELFENER, U. (Ed.). Dall'individuo al sistema. Torino: Boringhieri, p. 286-300.
- Center on Addiction and Substance Abuse (CASACOLUMBIA). Disponível em: <http://www.casacolumbia.org/>
- COHEN, Albert K. The sociology of the deviant act: anomie theory and beyond. American Sociological Review, v. 30, p. 5-14, 1965.
- CONRAD, P.; SCHNEIDER, J. Deviance and medicalization: From badness to sickness. Philadelphia: Temple University Press, 1992.
- COTTERELL, John. Social networks and social influences in adolescence. New York: Routledge, 1996, p. 44.
- COUYOUMDJIAN, A.; BAIOTTO, R.; DEL MIGLIO, C. Adolescenti e nuove dipendenze. Le basi teoriche, i fattori di rischio, la prevenzione. Bari: Laterza, 2006.

CURRIE, Candace et al. (Org.). Social determinants of health and well-being among young people. Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) STUDY: International report from the 2009-2010 survey. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe, 2012.

DEA. Microgram Bulletin, Vol. 43, N.7, July 2010, p. 48.

DIONIGI A., PAVARIN R. M. Sballo. Trento: Erikson, 2010, p. 68-69.

DRONET. Network Nazionale sulle Dipendenze. Disponível em: [http://www.dronet.org/comunicazioni/res\\_news.php?id=2869](http://www.dronet.org/comunicazioni/res_news.php?id=2869).

DUALIBI, L.B.; RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. Profile of cocaine and crack users in Brazil. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2008, vol. 24, Suplemento 4, p. S545-S557.

DUARTE, Paulina do Carmo Arruda Vieira; STEMPLIUK, Vladimir de Andrade Stempliuk; BARROSO, Lúcia Pereira (Orgs.). Relatório Brasileiro sobre Drogas 2009. Brasília: SENAD, 2009.

FRANKL, Viktor. Em busca de sentido. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 140.

FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio: Paz e Terra, 1992.

FROMM, E. O medo à liberdade. Tradução de Octávio Alves Velho. 14 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.

Fundação para um Mundo sem Drogas. Disponível em: <http://br.drugfreeworld.org/#/interactive>

Global Commission on Drug Policy. Disponível em: <http://www.globalcommissionondrugs.org/>

GOODE, Erick. (Org.). Moral panics: the social construction of deviance. Oxford: Blackwell, 1994.

GUIMARÃES, C.F.; SANTOS, D.V.V. dos; FREITAS, R.C. de; ARAUJO, R.B. Perfil do usuário de crack e fatores relacionados à criminalidade em unidade de internação para desintoxicação no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre (RS). Revista de Psiquiatria, 30(2), 2008, p. 101-108.

HEITZEG, N. Deviance: rulemakers & rulebrakers. Minneapolis: West Publishing Company, 1996.

HIRSCHI, Travis. Causes of delinquency. Berkeley: University of California Press, 1969.

KANDEL Denise B. - Ronald C. KESSLER - Rebecca Z. MARGULIES. Antecedents of adolescent initiation into stages of drug use: a developmental analysis. Journal of Youth and Adolescence, 7 (1978) p. 13-40.

KAPLAN, Howard B. Drugs, crime, and other deviant adaptations. New York/London: Plenum Press, 1995.

LANDRY Mim J., Understanding drugs of abuse. The processes of addiction, treatment, and recovery, Washington, American Psychiatric Press, 1994, p. 257-258.

LEAVITT Fred. Drugs & behavior. 3rd ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1995.

LENAD. Consumo de álcool no Brasil: tendências entre 2006/2012. Disponível em <http://inpad.org.br/lenad/alcool/resultados-preliminares/>

- LINGIARDI, V. Personalità dependente e dependenza razionale. In: CERETTI, V.; LA BARBERA, D. (Org.). Le dipendenze patologiche: Clinica e psicopatologia. Milano: Cortina, 2005.
- LOMBROSO, Cesare. O homem delinquente. Tradução da 2. ed. francesa: Maristela Bleggi Tomasini e Oscar Antonio Corbo Garcia. Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2001.
- MADRUGA, Clarice S.; LARANJEIRA, Ronaldo; CAETANO, Raul; RIBEIRO, Wagner; ZALESKI, Marcos; PINSKY, Lhana; FERRI, Cleusa P. Early life exposure to violence and substance misuse in adulthood—The first Brazilian national survey. *Addictive Behaviors*, 36 (2011) 251–255.
- MARX, Karl. O capital. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. Disponível em [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_fontes/acer\\_marx/ocapital-1.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/ocapital-1.pdf) Acesso em: 19/02/2014.
- MATZA, David. *Becoming deviant*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1969.
- MATZA, David; SYKES, Gresham M. Juvenile delinquency and subterranean values. *American Sociological Review*, v. 3, n. 26, p. 712-719, 1961.
- MERTON, Robert K. *Social theory and social structure*. London: The Free Press of Glencoe, 1964.
- MOORE Joan. "Gangs, drugs, and violence". In CUMMINGS, Scott; MONTI, Daniel J. (Edd.). *Gangs: The origins and impact of contemporary youth gangs in the United States*. New York: State University of New York Press, 1993, p. 28.
- National Institute on Drug Abuse (NIDA). Disponível em: <http://www.nida.nih.gov/index.html>
- NEWCOMB, Michael D.; CHOU, Chih-ping; BENTLER, P.M.; HUBA, G.J. Cognitive motivations for drug use among adolescents: Longitudinal tests of gender differences and predictors of change in drug use. *Journal of Counseling Psychology*, 1988, 35, 525-537.
- Open Society Foundations. Disponível em: <http://www.opensocietyfoundations.org/reports/war-drugs-report-global-commission-drug-policy>
- PARETO, Vilfredo. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1984, 191 p.
- PARSONS, Talcott. *The social system*. Glencoe, Ill.: Free Press, [1951a].
- Quotidiano Sanità. Disponível em: [http://www.quotidianosanita.it/studi-e-analisi/articolo.php?articolo\\_id=4285](http://www.quotidianosanita.it/studi-e-analisi/articolo.php?articolo_id=4285)
- RAINERMAN, Craig. The social construction of drug scares. In: GOODE, Erich (Org.). *Social deviance*. Boston: Allyn and Bacon, 1996, p. 224-243
- RHODES, T. *Outreach work with drug users: principles and practice*. Strasbourg: Council of Europe, 1996.
- ROMANS, M.; PETRUS, A.; TRILLA, J. *Profissão educador social*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- SATIR, V.. *In família... Come và?*. Acqui Terme: Impressioni Grafiche, 2000.
- SENAD-FIOCRUZ. *Perfil dos usuários de crack e/ou similares no Brasil. Relatório de Pesquisa*. Brasília: SENAD, [2013], p. 27.
- SHAW, C.R.; McKAY, H. D. *Juvenile delinquency and urban areas*. Chicago: The University of Chicago Press, 1942.

SHAW, Marvin E; TREMBLE, Trueman R, Jr. Effects of Attribution of Responsibility for a Negative Event to a Group Member upon Group Process as a Function of the Structure of the Event. In: *Sociometry*, 34, 4, 1971, p.504-514

STEINBERG, L. Risk taking in adolescence: What changes, and why? In: *Annals of the New Academy of Science*. 1021, pp. 51-58.

STIMSON, G. V.; DONOGHOE, M.C. Health promotion and the facilitation of individual change. The case of syringe distribution and exchange. In: RHODES, T.; HARTNOLL, R. (Org.). *AIDS, drugs and prevention: Perspectives on individual and community action*. London-New York: 1996.

Substance Abuse and Mental Health Services Administration. National Survey on Drug Use and Health (SAMHSA). <http://www.samhsa.gov/>

SUTHERLAND, Edwin; CRESSEY, Donald R. *Principles of criminology*. Chicago, Philadelphia: J.B. Lippincott Company.

TRAD, Sergio. Controle do uso de drogas e prevenção no Brasil: revisitando sua trajetória para entender os desafios atuais. In: NERY FILHO, A.; MACRAE, E.; TAVARES, L. A.; RÊGO, M. (Org.). *Toxicomanias*. Salvador: EDUFBA; CETAD, 2009.

U.S. DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES. Results from the 2012 National Survey on Drug Use and Health: Summary of National Findings. Rockville, MD, 2013.

UNIÃO EUROPEIA. Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, 2012. Disponível em: [http://www.emcdda.europa.eu/attachements.cfm/att\\_190854\\_PT\\_TDAC12001PTC\\_.pdf](http://www.emcdda.europa.eu/attachements.cfm/att_190854_PT_TDAC12001PTC_.pdf) Acesso em: 18 fev. 2014.

United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). Disponível em: <https://www.unodc.org/>

UNODC. United Nations Office on Drugs and Crime. *World Drug Report, 2013*. Vienna: 2013.

VALLARO, L.; GIORGI, R.; MARTORELLI, M.; COZZI, E. Il rito del rischio nell'adolescenza, Roma: Magi, 2005, p. 525

VALLEUR, M.; MATYSIAK, J. *Sesso, passione e videogiochi: le nuove forme di dipendenza*. Torino: Boringhieri, 2004.

WATZLAWICK P.; BEAVIN J.H.; JACKSON D.D. *Pragmatic of Human Communication*. New York: Norton, 1967.

XAVIER, Caroline Addison Carvalho et al. Êxtase (MDMA): efeitos farmacológicos e tóxicos, mecanismo de ação e abordagem clínica. *Rev. psiquiatr. clín.* [online]. 2008, vol.35, n.3, pp. 96-103.

ZERBETTO, R. Gioco d'azzardo e dipendenza: cenni sull'evoluzione di un rapporto. In CAPITANUCCI D.; MARINO V. (Org.). *La vita in gioco? Il gioco d'azzardo tra divertimento e problema*. Milano: Franco Angeli.